NÚCLEO DE IMPRENSA E COMUNICAÇÃO

PET MANIA

Siga o **Jornal Pet Mania** nas redes

@jornalpetmania
@jornalpetmania
@jornalpetmania
@jornalpetmania
www.jornalpetmania.com

O jornal de quem ama os animais

Edição 13 - Ano II - Maio 2026

Distribuição Gratuita



Mães de pet

tutoras mostram que o amor de mãe não tem espécie

Entre cuidados, rotina, afeto e responsabilidade, o conceito de “mãe de pet” cresce no Brasil e revela relações profundas entre humanos e animais

Página 4



Família Multiespécie:

pets redefinem o conceito de família no Brasil

Página 7



Rotina, afeto e companhia:

como um American Bully ajuda tutor a enfrentar os desafios do TDAH

Página 16



Página 11

Entrou na casa o bicho pega:

qual a responsabilidade do tutor quando o cão ataca uma visita?

Página 14

Quando o melhor amigo ataca:

especialista explica o que pode levar um cão a atacar o próprio tutor



MITO OU VERDADE

Mulher grávida não pode ter gatos?

Página 10

EDITORIAL

A nossa edição de Maio é uma homenagem ao **Dia das Mães.** Para isso, trouxemos duas matérias especiais: **Mães de Pet e Família Multiespécie**.

Na matéria das Mães de Pet, apresentamos o conceito "Mãe de Pet". Embora muitos já conheçam esse termo, a matéria traz a visão desse *Lifestyle* através da ótica das Mães de Pet. **Você vai se emocionar e se identificar.** Junto com elas trouxemos uma psicóloga e um adestrador canino para falarem sobre o impacto dessa cultura sobre os humanos e os pets.

Quando o seu cão ataca alguém que entra em sua residência, seja um convidado, um invasor ou um funcionário em serviço: **de quem é a culpa?** Descubra nessa edição!

Mas e quando o cão ataca o próprio tutor? Por que isso acontece? Especialista em comportamento canino explica os motivos e como evitar reações agressivas.

American Bully quebrando preconceitos: conheça a cadela que ajuda o seu tutor a superar os desafios do TDAH.

Gestantes e gatos podem conviver juntos ou é um risco para o bebê? Descubra no **Mito ou Verdade**.

Boa leitura.
E até a próxima!
Acesse: www.jornalpetmania.com



Stifler

Eros

PET MANIA

O jornal de quem ama os animais

EXPEDIENTE

O jornal PET MANIA é uma publicação do NIC – Núcleo de Imprensa e Comunicação Ltda – CNPJ nº 58.276.226/0001-08

Editor-chefe: Patrick Araujo - MTe 1.487/BR
Jornalista: Isabel Araujo - MTe 2.229/BR
Médico Veterinário Responsável:
Patrick Araujo - CRMV/RJ 15.862

Colaboradores:
Marcos Mendonça (Top Cão Adestramento)
Leonardo Drumond (Drumond Adestramento)
Renato Telles | Dr. João Pedro
Ana Carolina | Claudia Nogueira
Liana Sampaio | Felipe Ferreira
Plataforma ADOTE PET JÁ

Fale com o Jornal Pet Mania

(21) 97572-3391

redacao.petmania@gmail.com

Assessoria e Consultoria em casos de:

Guarda compartilhada de animais
Animais em condomínios
Maus - tratos
Erro médico veterinário
Alimentos contaminados

P.A.F VETERINÁRIA FORENSE

@paf_vetforense

(21) 98237-7820

Por Redação Pet Mania

Europa endurece regras para pets e proíbe criação de raças com traços físicos que causem sofrimento

Nova legislação da União Europeia veta reprodução de animais com características prejudiciais e torna obrigatório o uso de microchips em cães e gatos


Reprodução

O Parlamento Europeu aprovou **uma medida considerada histórica para reforçar a proteção e o bem-estar de cães e gatos em todos os países da União Europeia**. A nova legislação surge como resposta ao crescimento do comércio ilegal de animais, principalmente em plataformas digitais, e estabelece regras mais rígidas para criação, comercialização e acolhimento de pets.

O setor pet movimenta aproximadamente 1,3 bilhão de euros por ano no bloco europeu e vinha sendo alvo de críticas constantes por parte de entidades de proteção animal, principalmente devido às condições inadequadas de reprodução e transporte dos animais.

Um dos pontos mais debatidos da nova norma é a proibição da criação de animais com características físicas que provoquem sofrimento crônico. A medida afeta diretamente raças braquicefálicas — de focinho achatado — como o Pug e o Buldogue Francês, além de raças com patas excessivamente curtas ou deformidades na coluna que causam dores e dificuldades respiratórias.

A legislação determina que passa a ser ilegal **"criar pets com características prejudiciais ao seu bem-estar"**, priorizando a saúde e a qualidade de vida dos animais acima de padrões estéticos definidos pela reprodução seletiva.

Além das restrições relacionadas à genética, a União Europeia também passará a exigir a identificação obrigatória de todos os cães e gatos por meio de microchips. A exigência valerá tanto para animais comercializados quanto para os que pertencem a tutores particulares.

O principal objetivo da medida é combater fraudes e o comércio clandestino. Atualmente, muitos vendedores atuam como supostos proprietários particulares para escapar de impostos e fiscalizações sanitárias. Com o microchip, o histórico do animal e a identificação do criador ficarão vinculados a um banco de dados unificado em toda a Europa, permitindo maior rastreabilidade em casos de abandono, tráfico ou maus-tratos.

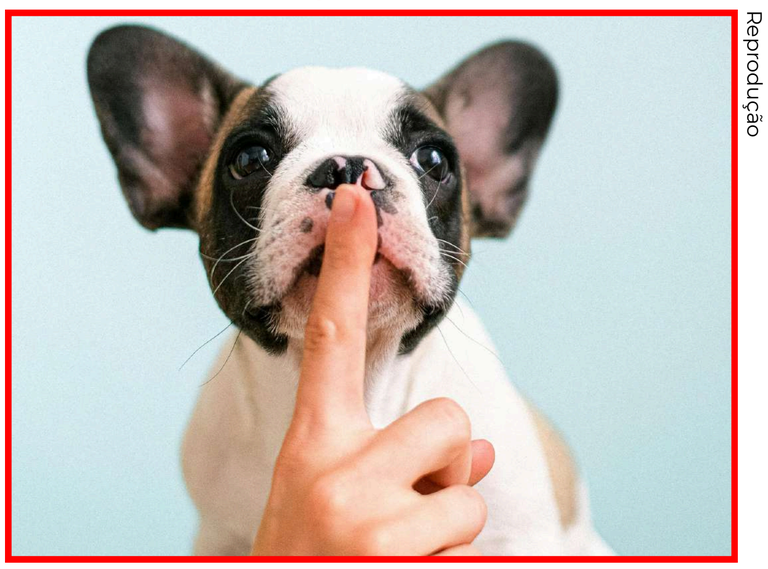
As mudanças também atingem o ambiente digital. Estima-se que boa parte da venda de animais aconteça atualmente por meio de redes sociais e plataformas de anúncios, onde a fiscalização ainda é limitada. Com as novas regras, essas plataformas deverão verificar a autenticidade dos registros antes de permitir a publicação de anúncios.

Canis e abrigos também passarão por inspeções frequentes e precisarão cumprir exigências mínimas relacionadas a espaço, higiene e socialização dos animais sob seus cuidados.

Para especialistas em direito animal, a decisão coloca a União Europeia entre os principais referenciais mundiais em proteção animal. "Estamos perdendo espaço de humanidade quando tratamos seres vivos como meras mercadorias descartáveis", destacam observadores do setor.

A proposta não pretende acabar com o mercado pet, mas estabelecer regras mais rígidas para garantir que o faturamento bilionário do segmento não esteja associado à crueldade sistemática.

A implementação das novas normas ocorrerá de forma gradual, permitindo que criadores e governos adaptem seus sistemas de controle e registro. Ainda assim, a mensagem política é clara: a Europa pretende encerrar práticas consideradas irresponsáveis no comércio de animais vivos e ampliar as garantias de bem-estar desde o nascimento dos pets.


Reprodução

O jornal de quem ama os animais

Por Redação Pet Mania, Isabel Araujo, Claudia Nogueira, Ana Carolina, Liana Sampaio e Leonardo Drumond (Drumond Adestramento)

Mães de pet: tutoras mostram que o amor de mãe não tem espécie

Entre cuidados, rotina, afeto e responsabilidade, o conceito de “mãe de pet” cresce no Brasil e revela relações profundas entre humanos e animais

Em pleno mês das mães, um outro tipo de maternidade ganha espaço dentro das casas, das rotinas e até das emoções: a das chamadas “mães de pet”. Mulheres que organizam a vida em torno do bem-estar dos seus animais, adaptam viagens, mudam de casa, enfrentam doenças ao lado deles e encontram nesses companheiros uma forma única de afeto, apoio e presença.

Tem quem ache exagero. Tem quem critique. Mas basta observar a rotina de muitas tutoras para perceber que existe um vínculo real, intenso e transformador.

O conceito de “mãe de pet” deixou há tempos de ser apenas uma expressão carinhosa da internet. Hoje, reflete mudanças sociais profundas e uma nova configuração familiar, onde cães e gatos passaram a ocupar um lugar afetivo dentro dos lares.

Segundo levantamento da ABINPET (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação), o Brasil possui cerca de 160 milhões de animais de estimação, número que supera a população de crianças de até 12 anos no país. Durante a pandemia, a adoção de animais também cresceu significativamente, impulsionada pela busca por companhia e suporte emocional em meio ao isolamento.

E, para muitas pessoas, esse laço vai muito além da companhia.

Gerado por IA



“Eles cuidaram de mim durante a doença toda”

A relação da administradora **Ana Carolina Mendes** com seus gatos **Zeca, Lili e Fumaça** nasceu durante a pandemia, mas ganhou uma dimensão ainda maior quando ela recebeu um diagnóstico devastador: câncer em estágio 4 no intestino e no fígado.

Durante o tratamento, os gatos se tornaram presença constante nos dias mais difíceis.

“Durante todo o meu tratamento a Lili sempre ficou deitada dormindo encostada no meu fígado que estava tratando. Quando eu estava em quimioterapia eles não saíam de perto de mim um minuto”, conta.

Ana lembra que chegou a dormir no chão ao lado dos animais enquanto fazia tratamento quimioterápico. E quando precisou passar por um transplante de fígado, ouviu de um médico que talvez precisasse se desfazer dos gatos por se tornar imunossuprimida.

A resposta veio em meio a uma crise emocional no hospital:

“Eu falei que sem os meus gatos eu não ficava. Que eu nunca ia me desfazer dos meus gatos.”

Ela preferiu deixar os gatos em casa e ficar isolada por três meses em outro local, longe deles. Mas, quando voltou para casa, percebeu algo que jamais esqueceu.

“Parecia que eles sabiam. Eles se aproximavam aos poucos. Eles não subiam na minha cama. Aos pouquinhos eles voltaram a chegar perto de mim.”

Hoje, Ana define os três gatos como **“anjos enviados por Deus”**.



“Eles são meus salvadores. Mantiveram minha sanidade mental e emocional durante a pandemia e cuidaram de mim, literalmente.”



Divulgação

Companhia que transforma a rotina e cura

Para **Claudia Nogueira Pietroluongo**, a cachorra **Leona Ayla D'albuque** entrou em sua vida em um momento delicado: o luto pela perda de uma companheira de 17 anos.

"A Ayla veio para me ajudar no luto de uma outra cachorrinha que morreu com 17 anos."

Desde então, a rotina ganhou novos hábitos — inclusive mais saudáveis. A tutora conta sobre a contribuição de Ayla na sua própria saúde, já que ela faz questão de cainhar com sua cachorra todos os dias.

"Saímos para caminhar na praia toda manhã. Mesmo quando estou com preguiça me obrigo a ir por causa dela."

Quando questionada sobre se considerar uma "mãe de pet", Claudia é categórica: **"Sim, certamente. Porque trato com todo carinho e cuidados que uma mãe tem".**

" Ela sempre teve um forte vínculo comigo desde pequena."



Divulgação

Claudia conta que Ayla também foi essencial em períodos de depressão.

"Muitas vezes, já passei por depressão e ela foi com certeza meu apoio emocional, parecia que sentia que eu não estava bem e me cercava de cuidados, não saía do meu lado."

O impacto foi tão profundo que até os compromissos pessoais passaram a ser pensados considerando o bem-estar da cachorra.

"Sempre me programo pensando: com quem vou deixar a Ayla? Vou ficar muito tempo fora? Ela terá suporte?"

Ainda assim, Claudia faz questão de destacar que carinho também exige equilíbrio.

"Sempre cuidei muito, porém sempre a deixei ser cachorro, correr, se sujar, brincar, roer, sem mimimi."

"Com ela do meu lado não existe solidão"

A história da empresária Liana Sampaio com a sua cadela Katniss Sampaio começou em 2014, quando recebeu a cadelinha de presente ainda filhote.

"Era um dia frio e quando peguei no colo, ela entrou no meu casaco. Ali eu vi que minha vida mudaria."

Mas o episódio mais marcante da relação aconteceu anos depois, em um hospital, após Liana sofrer um mal súbito e entrar em coma durante uma viagem ao Recife.

Quando despertou, uma das primeiras coisas que pediu foi para ver Katniss.

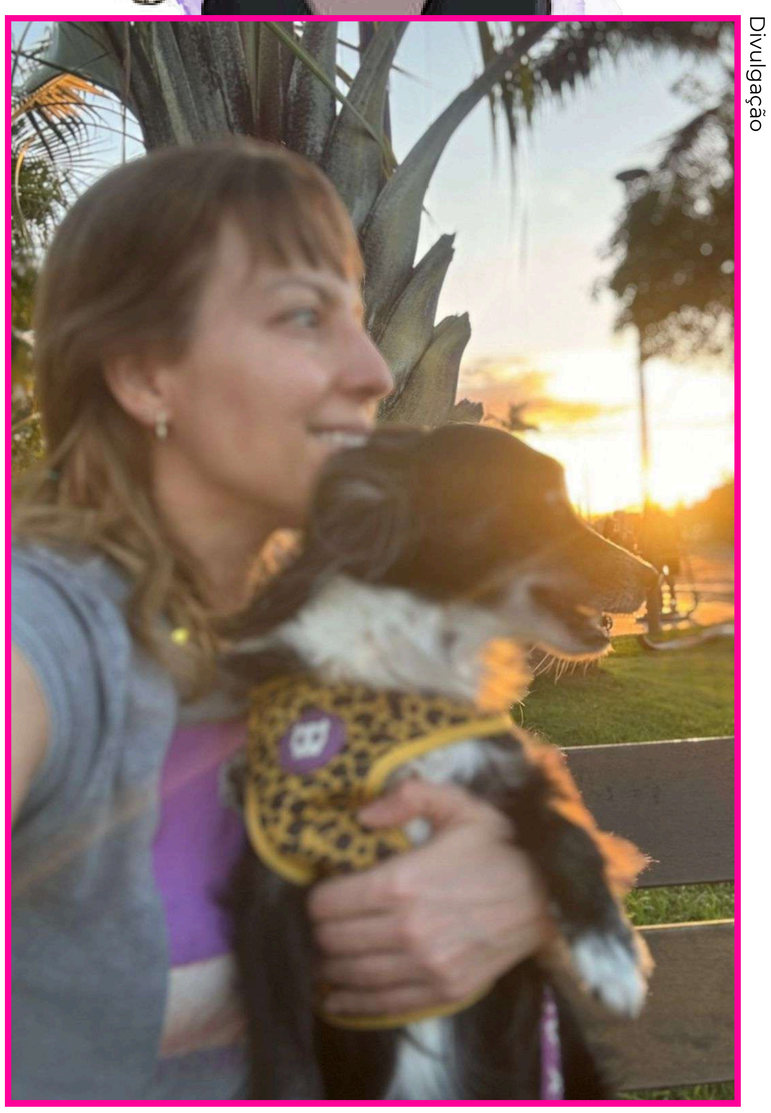
"A assistente social do hospital agilizou o processo para a visita pet. Neste dia, minha pressão que estava alterada todos os dias normalizou e eu me senti melhor. A equipe do plantão se emocionou com nossa conexão."

Na rotina agitada do dia, Liana consegue equilibrar carinho e responsabilidade: **"Trabalho muito e sou muito ocupada, mas todos os dias tiro um pouco do meu tempo para estar com ela, jogar bolinha que ela adora e todos os finais de semana passeio com ela"**.

Mesmo ouvindo críticas por levar a cachorra em praticamente todas as viagens, ela não abre mão da companhia da pet. **"Ela sempre vai comigo aonde eu for. Não quero me separar dela nem por um dia."**

Quando o assunto é "humanização de pets", Liana compartilha a sua opinião: **"Tem gente que bate, coloca de castigo, grita e isso sim é humanizar e da pior forma. Não se bate em crianças ou animais, mas ainda pior é achar que um pet é capaz de entender a agressão".** Ela ainda revela como adestrou e educou Katniss: **"Sempre ensinei tudo na base do reforço positivo e ela faz as necessidades no lugar certo, entende vários comandos e é muito inteligente".**





Divulgação

Como uma boa "mãe de pet", a sua maior preocupação é poder fazer o possível para prolongar uma vida saudável para ela: **"Deixo as vacinas em dia e ela tem acompanhamento veterinário regularmente. Ela viaja sempre comigo na cabine do avião"**.

Para Liana, o sentimento cabe em uma única palavra:

"Amor. Com ela do meu lado não existe solidão e todas as dificuldades ficam mais leves."



Divulgação

O que explica vínculos tão intensos?

Segundo a psicóloga **Isabel Araujo**, o crescimento do número de pessoas que se identificam como mães de pet está diretamente ligado às mudanças sociais das últimas décadas.

"Adiamento da maternidade, novos arranjos familiares, vida urbana mais solitária e busca por vínculos afetivos mais estáveis" ajudam a explicar esse fenômeno.

Ela explica que os animais despertam conexões emocionais intensas porque oferecem **"afeto direto, não verbal e sem julgamento"**, ativando mecanismos biológicos ligados ao vínculo e à sensação de pertencimento.

A ciência também ajuda a entender isso. Um estudo publicado pela revista **Science**, conduzido pela Universidade Azabu, no Japão, mostrou que o contato visual e a troca de carinho entre tutores e cães estimulam a liberação de ocitocina — conhecido como "hormônio do amor" — a mesma substância associada ao vínculo entre mães e bebês.

Além da conexão emocional, os pets também podem impactar positivamente a saúde mental.

"Redução do estresse, sensação de companhia, melhora do humor, aumento do senso de propósito e organização da rotina" estão entre os principais benefícios apontados pela psicóloga.

Mas ela faz um alerta delicado: amor também precisa vir acompanhado de equilíbrio. **"Vínculo não é posse, é responsabilidade. O pet precisa ser compreendido como animal, não como extensão emocional."**

Entre carinho e humanização: onde está o limite?

Com os pets ocupando cada vez mais espaço dentro das famílias, também cresce o debate sobre a chamada **"humanização excessiva"**.

Para o adestrador **Leonardo Fernandes Drumond**, carinho e afeto são fundamentais — desde que respeitem a natureza do animal.

"Você pode até amar como um filho, mas não deixe que isso se torne uma bengala emocional", orienta.

Segundo ele, muitos comportamentos vistos como demonstrações de amor podem acabar gerando insegurança e dependência emocional nos cães.

"O cão que segue o dono por todos os cômodos muitas vezes é visto como prova de amor. Mas isso pode gerar super dependência."

Leonardo explica que cães precisam exercer comportamentos naturais, como farejar, correr, explorar ambientes e interagir.

"Deixar o cão ser cão" ainda é uma das práticas mais importantes para o bem-estar animal.

Ele também destaca que muitos dos problemas comportamentais cresceram após a pandemia, quando diversos tutores passaram praticamente o tempo todo ao lado dos animais.

"Os cães entraram em conflito quando os tutores voltaram às rotinas normais. Muitos desenvolveram ansiedade de separação."

Ainda assim, o adestrador reforça que não se trata de diminuir o vínculo emocional entre tutores e pets, mas de construir uma relação saudável para ambos.

"Você pode sim e deve dar afeto ao seu cão. Mas o exagero é ruim em qualquer caso."

Mais do que um rótulo

Seja para quem concorda com o termo **"mãe de pet"** ou para quem ainda torce o nariz para a expressão, uma coisa parece inegável: os animais passaram a ocupar um espaço emocional profundo na vida de milhões de brasileiros.

Eles dividem camas, rotinas, caminhadas, viagens, tratamentos médicos, momentos de luto e até recomeços.

E talvez o ponto principal nem esteja no nome dado a essa relação.

Mas na forma como ela transforma silenciosamente a vida de quem aprende, todos os dias, que amor também pode vir em quatro patas, pelos espalhados pela casa e uma companhia que, muitas vezes, entende sem precisar de uma única palavra.



Montagem/ IA

Nova lei regulamenta guarda compartilhada de pets após separação de casais

A guarda compartilhada de animais de estimação em casos de separação agora passa a ter respaldo jurídico no Brasil. A medida foi oficializada com a sanção da Lei 15.392 de 2026, publicada no Diário Oficial da União (DOU) desta sexta-feira (17), estabelecendo regras para a custódia dos pets quando não houver consenso entre as partes. A nova legislação determina que o animal será considerado de propriedade comum quando tiver convivido com o casal durante a maior parte de sua vida. Nos casos em que não houver acordo sobre a guarda, caberá ao juiz decidir pela custódia compartilhada, assim como pela divisão das despesas relacionadas ao animal. Pela norma, os gastos diários, como alimentação e higiene, deverão ser arcados pela pessoa que estiver com o pet naquele período. Já despesas de manutenção — incluindo consultas veterinárias, internações, exames e medicamentos — serão divididas igualmente entre os ex-companheiros. A lei também estabelece limites para a guarda compartilhada. O compartilhamento não será permitido quando houver histórico ou risco de violência doméstica e familiar, além de situações envolvendo maus-tratos ao animal.

Por Redação Pet Mania

Família Multiespécie: pets redefinem o conceito de família no Brasil

Vínculos afetivos, decisões judiciais e mudanças sociais, fazem o conceito de família multiespécie crescer no país e já impacta até a forma como a Justiça enxerga os animais

Reprodução



Durante muito tempo, os animais foram vistos apenas como companheiros, guardiões da casa ou, juridicamente falando, simples propriedades. Mas basta observar a rotina de milhões de brasileiros para perceber que isso mudou — e muito.

Hoje, cães e gatos dividem camas, sofás, viagens, tratamentos médicos, aniversários, mudanças de cidade e até disputas judiciais após separações. Em muitos lares, eles deixaram de ser apenas "o pet da família" e passaram a ocupar, de fato, um espaço afetivo dentro dela.

É nesse contexto que ganha força um conceito cada vez mais presente no Brasil: o de **família multiespécie**.

Quando humanos e animais formam uma família

A família multiespécie pode ser definida como um núcleo familiar formado por humanos e animais domésticos unidos por vínculos de afeto, convivência e responsabilidade.

Mais do que morar na mesma casa, existe ali uma relação emocional legítima, construída na rotina, nos cuidados e na convivência diária.

E essa transformação não aconteceu da noite para o dia.

Ao longo das últimas décadas, mudanças sociais profundas alteraram a forma como as pessoas se relacionam com os animais. A redução do número de filhos por família, o aumento de pessoas vivendo sozinhas, novos formatos familiares e até a rotina acelerada das grandes cidades fizeram com que os pets ocupassem um espaço emocional cada vez maior.

Hoje, é comum encontrar casais que optam por ter animais em vez de filhos humanos, pessoas que reorganizam a vida pensando no bem-estar do pet e famílias em que cães e gatos são tratados exatamente como membros da casa.

Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET), o Brasil possui uma das maiores populações pet do mundo, com cerca de 160 milhões de animais domésticos.

Durante a pandemia, esse movimento se intensificou ainda mais. O isolamento social impulsionou adoções e fortaleceu vínculos emocionais entre tutores e animais, transformando muitos pets em importantes suportes afetivos dentro dos lares.

De "bens" a seres sencientes

Apesar dessa mudança social evidente, a legislação brasileira ainda carrega conceitos antigos.

O artigo 82 do Código Civil de 2002 classifica os animais como "bens móveis semoventes" — ou seja, bens que possuem movimento próprio. Na prática, isso significa que, tecnicamente, os animais ainda são enquadrados como patrimônio.

Mas, na realidade cotidiana — e cada vez mais também nos tribunais — essa visão vem sendo questionada.

Com o avanço dos estudos sobre comportamento e cognição animal, consolidou-se

o entendimento científico de que os animais são seres sencientes: capazes de sentir dor, medo, prazer, estresse, afeto e sofrimento.

Essa percepção vem influenciando diretamente o cenário jurídico brasileiro.

Hoje, muitos juristas defendem que os animais ocupam uma posição jurídica intermediária, chamada de natureza **sui generis**. Em termos simples: eles ainda não possuem os mesmos direitos de uma pessoa humana, mas também já não são vistos apenas como objetos comuns.

O foco passa, cada vez mais, a ser o bem-estar do animal.

O relacionamento acabou, mas o vínculo com o pet, não

Talvez um dos maiores símbolos dessa transformação esteja justamente nos casos de separação.

Se antes os animais eram tratados apenas como parte da divisão de bens, hoje disputas envolvendo guarda, convivência e responsabilidade afetiva chegam cada vez mais aos tribunais brasileiros.

E foi nesse cenário que surgiu a **Lei nº 15.392/2026**, considerada um marco importante no Direito brasileiro.

Essa nova legislação passou a tratar diretamente da chamada "custódia" de animais de estimação em casos de separação e dissolução de união estável.

Na prática, quando o casal não consegue entrar em acordo sobre o pet, o juiz pode estabelecer uma espécie de guarda compartilhada, dividindo convivência, despesas e responsabilidades.

Entre os critérios analisados pela Justiça estão:

- condições de moradia;
- capacidade de cuidado;
- disponibilidade de tempo;
- histórico de maus-tratos;
- situações de violência doméstica.

A lei também prevê consequências para quem descumprir reiteradamente a custódia compartilhada ou praticar maus-tratos, podendo haver perda definitiva da posse do animal.

Mesmo assim, especialistas destacam: a legislação ainda não alterou oficialmente o artigo 82 do Código Civil.

Ou seja, juridicamente os animais ainda não foram reconhecidos como sujeitos de direito da mesma forma que seres humanos.

Mas a mudança de mentalidade já é evidente.

A própria utilização do termo "custódia" — historicamente associado a filhos — mostra como os pets passaram a ser entxergados dentro das dinâmicas familiares contemporâneas.

Amor e carinho com responsabilidade

Com o crescimento das famílias multiespécies, também aumenta um debate importante: como equilibrar afeto e respeito às necessidades naturais dos animais?

Especialistas alertam que incluir o pet na família não significa tratá-lo como humano.

Cada espécie possui necessidades biológicas, comportamentais e emocionais próprias.

Um cachorro, por exemplo, precisa farejar, caminhar, explorar ambientes e exercer comportamentos naturais. Gatos precisam de enriquecimento ambiental, espaços de observação e estímulos específicos.

Quando essas necessidades são ignoradas em nome do excesso de proteção ou da chamada humanização, o vínculo pode acabar gerando consequências negativas.

A psicologia também observa esse fenômeno de perto.

Segundo especialistas, os pets oferecem presença constante, afeto sem julgamento e sensação de pertencimento — fatores que ajudam a explicar vínculos tão intensos.

Diversos estudos já apontam benefícios emocionais da convivência com animais, como redução do estresse, melhora do humor, diminuição da sensação de solidão e fortalecimento da rotina.

Ainda assim, o consenso entre profissionais é claro: o vínculo saudável é aquele construído com equilíbrio.

Amar o seu pet não significa transformá-lo em humano, mas compreender suas necessidades como animal e assumir, com responsabilidade, o compromisso de cuidado.

Um novo retrato das famílias brasileiras

A família tradicional descrita há décadas atrás já não representa sozinha a realidade dos lares brasileiros.

Hoje em dia existem famílias compostas por mães solteiras e seus cães, casais sem filhos humanos mas com vários animais, idosos que encontram nos pets companhia diária, crianças crescendo ao lado de gatos e cachorros e pessoas que reorganizam completamente a rotina em função do bem-estar dos animais.

Há quem use o termo "família multiespécie", e há quem não concorde, mas a verdade é que os pets deixaram de ocupar apenas o quintal da casa para viver dentro do coração da família.

Eles passaram a ocupar espaço emocional.

E talvez seja justamente isso que esteja obrigando a sociedade — e até a Justiça — a reformular o significado da palavra família.



Capivara agredida no Rio fica cega de um olho e não poderá retornar ao seu habitat

A capivara brutalmente agredida a pauladas na Ilha do Governador/ RJ, há mais de um mês, conseguiu se recuperar do traumatismo craniano e de outros ferimentos, mas ficou com uma sequela irreversível na retina do olho esquerdo. A lesão causou cegueira e impede que o animal retorne ao local onde vivia com outros indivíduos da mesma família, no Rio de Janeiro. Após o ataque, o animal passou a receber cuidados das equipes veterinárias do Centro de Recuperação de Animais Silvestres (CRAS) de uma universidade particular em Vargem Pequena. Diante do quadro, a alternativa considerada é encaminhar o animal para um parque com acesso restrito ao público. Segundo o oftalmologista veterinário Dr. Francis Seco, a lesão não tem possibilidade de reversão, compromete a visão do animal e eleva significativamente os riscos à sua sobrevivência caso seja reinserido no ambiente original, onde há circulação constante de veículos e pessoas.



A ZONA SUL ESTÁ DE PORTAS ABERTAS PARA RECEBER VOCÊ E SEU PET!

APARTAMENTOS À VENDA

Copacabana

Rua Raimundo Correa

Conjugado muito amplo, dividido em quarto e sala, cozinha e banheiro. Frente, vista livre verde e montanha, sol da manhã. Prédio residencial com portaria parcial até 18h, câmeras, 2 elevadores, 10 andares, 4 unidades por andar. ideal pra AirBnB.

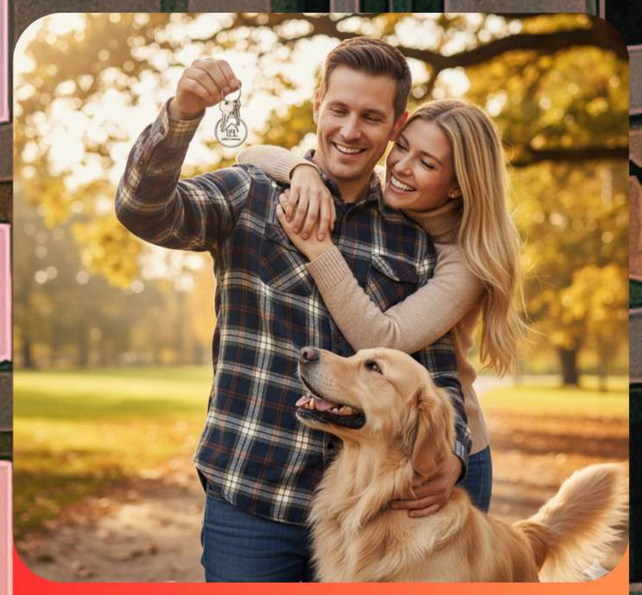
R$ 580.000

Catete

Rua do Catete

Sala e quarto original, fundos, silencioso, vista livre, sol da manhã, todo em piso frio, sol da manhã, cozinha cabendo fogão e geladeira, banheiro amplo. Prédio com 12 andares, apenas 7 aptos por andar, elevador, portaria 24h, câmeras de vigilância. Coladinho no Largo do Machado.

R$ 480.000



Viva hoje momentos inesquecíveis com seu pet e sua família!

FALE COM O CORRETOR

Cardoso - CRECI: 43243

(21) 98790 - 4274

Botafogo

Rua Lauro Muller

Sala e quarto original, conservado, fundos, vista verde, localização privilegiada em rua arborizada com cancelas a 50 metros do Shopping Rio Sul, cozinha cabendo fogão e geladeira, banheiro amplo com blindex. Prédio com Portaria 24h, 10 andares, 12 aptos por andar, 3 elevadores, Portaria 24h, câmeras. Doc ok.

R$ 560.000

Copacabana

Rua Figueiredo de Magalhães

Sala e quarto original, amplo, frente, sol matinal, claro, vista verde, arejado, cozinha cabendo fogão e geladeira, banheiro com box blindex. Prédio pertinho do metrô e da praia, com portaria 24h, 12 andares, 5 unidades por andar, câmeras e elevadores.

R$ 550.000*

* financiamento e FGTS não aceitos neste imóvel

Copacabana

Avenida Nossa Senhora de Copacabana

REFORMADO - Conjugado muito amplo, dividindo em 3 ambientes, fundos, vista livre, sol manhã, cozinha com bancada em mármore, 1 banheiro social e 1 lavabo. Prédio com portaria 24h, câmeras, 3 elevadores, 12 andares, 8 unidades por andar. ideal pra AirBnB. Prédio misto, pode ser usado como sala ou residencial.

R$ 580.000

Copacabana

Rua Figueiredo de Magalhães

Conjugado muito amplo, frente pra Figueiredo (fundos no IPTU), vista livre pro verde, podendo dividir ambientes, cozinha americana, piso em porcelanato, banheiros com blindex, hidráulica e elétrica novas, instalações pra ar condicionado split e máquina de lavar prontas. Prédio pertinho do metrô e da praia, com portaria 24h, 12 andares, 12 unidades por andar, câmeras e elevadores.

será entregue reformado

R$ 550.000

Ipanema

Rua Gomes Carneiro

REFORMADO – Sala e quarto, fundos, livre, todo em porcelanato, hidráulica e elétrica novas, vista livre, banheiro com box blindex, cozinha ampla cabendo fogão e geladeira. Área se serviço com tanque e local pra máquina. Prédio com portaria 24h, próximo ao metrô e praia. 8 andares, 08 por andar, 2 elevadores, acessibilidade.

1 VAGA DE GARAGEM COBERTA E DEMARCADA NA ESCRITURA

R$ 950.000

Copacabana

Rua Edmundo Lins

Sala, 2 quartos original, **1 vaga na escritura**, todo em porcelanato, frente, sol matinal, vista livre, claro, arejado, cozinha ampla cabendo fogão e geladeira, banheiro social grande, quartos com armários, dependências completas com quartinho, banheiro e área de serviço. Prédio com portaria 24h, 2 elevadores, 11 andares, apenas 3 unidades por andar. Pertinho do metrô.

R$ 870.000

Copacabana

Cinco de Julho

Reformado - frente, vista livre, hidráulica e elétrica novas, Salão em ambientes, 3 quartos (1 suíte), tudo em porcelanato, sol matinal, cozinha ampla com bancada em mármore, banheiros com box blindex, dependências completas com quartinho, banheiro amplo e área de serviço. **1 vaga de garagem na convenção**. Prédio com portaria 24h, acessibilidade, 2 elevadores, 10 andares, 2 unidades por andar.

R$ 1.100.000*

(reformado – voltou à venda)

PET MANIA
O jornal de quem ama os animais

Por Redação Pet Mania

Mito ou Verdade

Mulher grávida não pode ter gatos?

MITO



Gerada por IA

Durante a gravidez, muitas mulheres que têm gatos em casa ainda escutam o mesmo conselho: “é melhor se desfazer do animal para evitar toxoplasmose”. Apesar do alerta ser bastante comum, especialistas garantem que isso é um mito, e os gatos domésticos não representam um risco para gestantes quando os cuidados corretos são mantidos.

A toxoplasmose é uma doença causada por um protozoário chamado toxoplasma. Os gatos são considerados os hospedeiros definitivos do parasita, enquanto outros animais — como vacas, porcos, galinhas, aves e roedores — atuam como hospedeiros intermediários.

Mas atenção: isso não significa que todo gato transmite a doença.

Quando o gato é criado em casa, sem acesso à rua, sem contato com fezes contaminadas de outros animais, não caça ratos e não pega pombos, ele não oferece risco à saúde da gestante. Em outras palavras, o gato doméstico não é o vilão dessa história.

Como acontece a transmissão?

A contaminação por toxoplasmose em humanos pode acontecer principalmente através da ingestão de frutas e verduras mal higienizadas, carnes mal cozidas ou pelo contato com fezes contaminadas de gatos infectados. Ainda assim, a transmissão pelo gato doméstico é muito mais difícil do que muita gente imagina.

Mesmo quando o animal está contaminado, existe uma condição específica para que o protozoário se torne infeccioso. Após o gato usar a caixa de areia, as fezes precisam permanecer no local entre um e cinco dias para que o cisto do toxoplasma esporule e se torne capaz de transmitir a doença.

Ou seja: a limpeza diária da caixa de areia praticamente elimina esse risco.

A contaminação pode ocorrer caso a pessoa entre em contato com as fezes contaminadas e leve a mão à boca sem higienização adequada. Por isso, os cuidados básicos fazem toda a diferença.

Higiene é a principal prevenção

Além da limpeza frequente da caixa de areia, a alimentação também exige atenção especial durante a gestação.

Lavar bem frutas, verduras e legumes, consumir carnes de procedência confiável e evitar alimentos mal cozidos são medidas consideradas fundamentais para prevenir a doença.

Segundo especialistas, esses hábitos simples já são suficientes para reduzir drasticamente os riscos de contaminação.

Durante a gravidez, a preocupação é maior porque a gestante entra em um grupo considerado imunodeprimido, o que aumenta os riscos da doença tanto para a mãe quanto para o bebê.

Ainda assim, isso não significa que o gato precise ser afastado da família.

Se puder, deixe a tarefa de limpar a caixinha de areia para outro integrante da casa. Se a própria gestante precisar fazer a limpeza, utilize luvas, máscara e lave muito bem as mãos.

Gato e bebê convivendo juntos

Outro mito bastante comum é a ideia de que o gato deve ser afastado do bebê após o nascimento. De acordo com especialistas veterinários, isso também não é necessário.

Pelo contrário: permitir que o animal participe da nova rotina da casa pode ajudar na adaptação e fortalecer a convivência familiar.

A recomendação é apenas impedir que o bebê tenha acesso à caixa de areia quando começar a explorar a casa. O ideal é posicionar a caixa em um local seguro e fora do alcance da criança.

Além disso, a relação entre criança e animal é super benéfica e pode trazer benefícios importantes para o desenvolvimento emocional.

Pixabay



Por Redação Pet Mania, Marcos Mendonça (Top Cão Adestramento) e Dr. João Pedro

Entrou na casa o bicho pega: até onde vai a responsabilidade do tutor quando o cachorro ataca uma visita

Episódio envolvendo cão de Bolsonaro reacende debate sobre comportamento territorial, responsabilidade civil e os erros mais comuns que podem transformar proteção em risco

O episódio envolvendo um cão da residência do ex-presidente Jair Bolsonaro, que teriam atacado policiais durante a vigilância do imóvel, trouxe novamente à tona um debate delicado: **afinal, quando um cão reage à presença de estranhos dentro de seu território, trata-se apenas de instinto ou existe responsabilidade do tutor?**

Longe da polarização que normalmente acompanha casos ligados a figuras públicas, especialistas ouvidos pela equipe do **Pet Mania** explicam que situações assim precisam ser analisadas sem romantização e sem demonização dos animais.

Afinal, cães não entendem conceitos jurídicos, ordens judiciais ou funções públicas. Eles reagem ao ambiente, aos estímulos e, principalmente, à forma como foram socializados e conduzidos ao longo da vida.

E é aqui que comportamento animal e responsabilidade legal se encontram.



Pexels

O cão protege o território; A lei cobra prevenção

Para o **advogado especialista em Direito Civil, Dr. João Pedro**, o tutor possui responsabilidade ampla sobre os danos causados pelo animal.

Segundo ele, a legislação brasileira adota, em regra, a chamada responsabilidade objetiva.

“O tutor pode ser responsabilizado sempre que houver dano causado pelo animal, seja dano físico, moral ou material. No Direito Civil brasileiro, a responsabilidade do tutor é, em regra, objetiva, ou seja, não depende da comprovação de culpa direta.”

Na prática, isso significa que não basta alegar que o animal **“apenas protegeu a casa”**.

O advogado explica que o artigo 936 do Código Civil estabelece que o dono ou detentor do animal responde pelos prejuízos causados por ele, salvo em situações específicas, como culpa exclusiva da vítima ou força maior.

Quando o instinto territorial entra em cena

Do ponto de vista comportamental, o cenário é bastante compreensível.

O **adestrador Marcos Mendonça, da Top Cão Adestramento**, explica que o comportamento territorial é natural em muitos cães e pode se manifestar de diferentes formas.

“O comportamento territorial é algo instintivo que se manifesta de maneira mais veemente em alguns cães e pode estar ligado a posse somente ou medo e se manifestar através de rosnado, latido, rigidez, mordida e vigilância constante do espaço.”

Ou seja: o animal não está **“planejando atacar”**. Ele apenas interpreta determinadas situações como ameaça.

E isso pode acontecer com qualquer raça.

O ponto onde os especialistas se encontram: previsibilidade

Embora as análises partam de áreas diferentes, advogado e adestrador convergem em um ponto essencial: **previsibilidade**.

Para a Justiça, um dos fatores mais importantes é saber se o tutor poderia prever o risco.

Já para o comportamento animal, os cães normalmente demonstram sinais antes de chegar à agressão. **“Sim, o cão demonstra proteger o espaço das formas mencionadas anteriormente mas com menos intensidade na maioria das vezes no início”**, explica o especialista.

Do lado jurídico, Dr. João Pedro reforça: **“A Justiça avalia o contexto completo: histórico do animal, medidas de contenção, comportamento anterior, ambiente, presença de advertências e atitude do tutor.”**

Ou seja: quando existem sinais ignorados, o episódio deixa de ser visto apenas como acidente.

O erro que muitos tutores cometem sem perceber

Segundo Marcos Mendonça, um dos maiores problemas está justamente no comportamento humano diante das primeiras

reações territoriais do cão.

“O principal erro que os tutores cometem é reforçar esses comportamentos de agressividade.”

Ele explica que muitos tutores acabam estimulando involuntariamente o comportamento defensivo.

“O tutor chega no ambiente, o cachorro está latindo, claramente mostrando para o tutor que não quer a presença dele ali. E o tutor fica falando com o cachorro, conversando com o cachorro. Às vezes até dá bronca, mas o cachorro não entende que é bronca e acaba reforçando esse comportamento.”

Outro problema comum, segundo o especialista, é a falta de socialização adequada durante os primeiros meses de vida.

Socialização: a fase que pode mudar toda a vida do cão

Marcos explica que o período entre aproximadamente 30 dias até 5 meses de idade é fundamental para ensinar o cão a lidar com o mundo de forma equilibrada.

“É socializar o cão o máximo possível. Apresenta o mundo de uma forma positiva para o cão.”

Ele destaca que o filhote precisa ser exposto gradualmente a:

- pessoas;
- carros;
- motos;
- sons;
- outros cães;
- ambientes diferentes.

Sempre associando essas experiências a estímulos positivos, como comida, carinho e brincadeiras.

“Passou uma moto, dá comida, passou carro, dá comida. Se não tiver comida na hora, dá carinho.”

Segundo ele, cães que crescem isolados ou excessivamente expostos ao portão da casa podem desenvolver forte comportamento de posse territorial.

“O cão tendo contato com o portão desde filhote, a chance dele criar posse pelo território é grande.”

E quando o caso envolve policiais ou agentes públicos?

No campo jurídico, a situação ganha ainda mais peso. Dr. João Pedro explica que a Justiça costuma analisar esses casos com maior rigor quando os agentes estão no exercício legítimo da função.

“A análise costuma ser mais rigorosa quando o agente público estava no exercício regular da função, como policiais, oficiais de Justiça, agentes de saúde ou bombeiros.”

Nessas situações, a Justiça avalia se o tutor adotou medidas adequadas para evitar riscos previsíveis.

E isso inclui:

- contenção correta do animal
- limitação de acesso
- controle ambiental
- prevenção de contato com terceiros

“Mas o cachorro estava dentro da propriedade”

Essa é uma das justificativas mais comuns em debates sobre ataques envolvendo cães.

Mas o advogado esclarece que isso não elimina automaticamente a responsabilidade.

“O fato de o animal estar dentro da residência pode fortalecer a tese de legítima proteção territorial do cão, mas não elimina automaticamente a responsabilidade civil do tutor.”

Segundo ele, a Justiça diferencia completamente:

- um invasor;
- um visitante autorizado;
- um prestador de serviço;
- um policial em serviço;
- um oficial de Justiça.

Cada situação recebe análise própria.

O histórico do animal pode pesar contra o tutor

Outro ponto importante destacado pelo especialista em Direito Civil é que episódios anteriores de agressividade podem influenciar diretamente uma ação judicial.

“Se ficar demonstrado que o tutor já conhecia comportamentos perigosos anteriores e não adotou medidas preventivas adequadas, isso pode reforçar a caracterização de negligência.”

Em situações mais graves, isso pode inclusive gerar repercussões criminais.

Nem todo ataque gera ferimentos graves — mas ainda pode gerar processo. Muitas pessoas acreditam que só existe responsabilização quando há mordidas severas. Mas isso não é verdade.

O advogado explica que quedas, traumas psicológicos, sustos e danos emocionais também podem gerar obrigação de indenizar.

“Se uma pessoa cai ao fugir do animal, sofre trauma emocional ou precisa de atendimento médico em razão do susto, por exemplo, já pode haver obrigação de indenizar.”

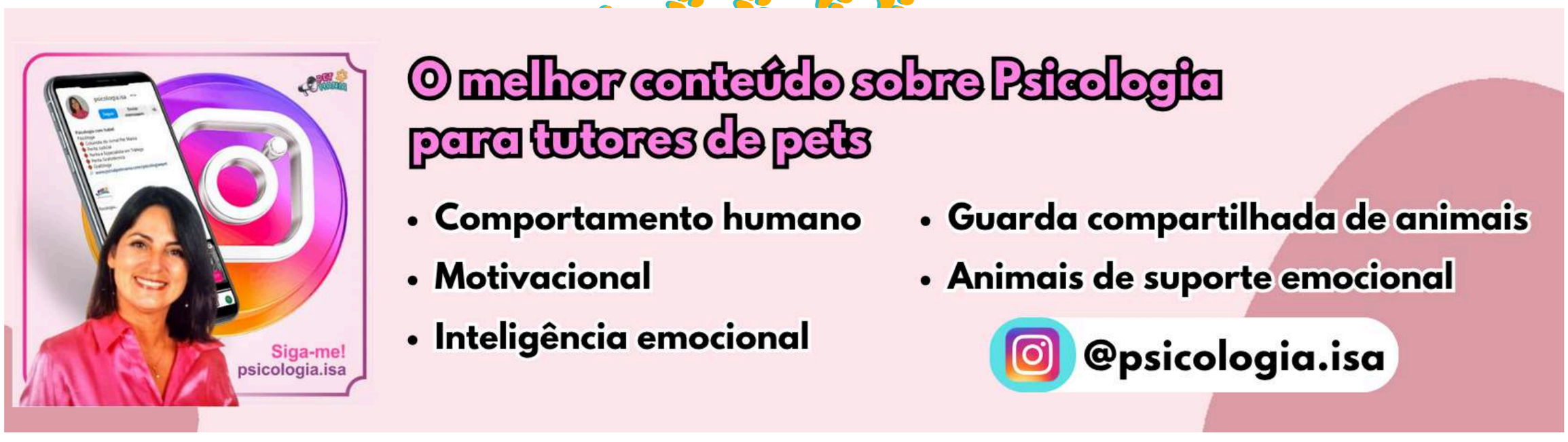
Educação e prevenção ainda são o melhor caminho

Para o adestrador, Marcos Mendonça, a grande lição de casos como esse não é demonizar cães territoriais, mas entender que prevenção começa muito antes de qualquer incidente.

Socialização correta, manejo adequado e orientação profissional podem reduzir drasticamente situações de risco. **“Todo mundo que chegar no espaço do filhote deve procurar só proporcionar situações positivas.”**

No fim, tanto a lei quanto o comportamento animal chegam à mesma conclusão:

O cão reage ao ambiente que lhe foi apresentado — e cabe ao tutor garantir que esse ambiente seja seguro para todos.



COLUNA PSICOLOGIA & PET



por **ISABEL ARAUJO** @psicologia.isa

O vínculo que redefine os afetos contemporâneos



Creative Commons

Algo silencioso — e profundamente transformador — vem acontecendo nas relações humanas: **os pets deixaram de ocupar um lugar periférico para se tornarem protagonistas afetivos na vida de muitas pessoas**. Não se trata apenas de companhia, mas de vínculo.

Em uma sociedade marcada pela pressa, pela instabilidade e por relações cada vez mais frágeis, os animais oferecem o que muitos vínculos humanos já não conseguem sustentar com a mesma constância: presença, previsibilidade e afeto sem negociação. Eles não exigem máscaras sociais, não operam sob expectativas complexas e não retiram o afeto diante de frustrações. E é justamente essa simplicidade que tem um impacto emocional tão profundo.

Do ponto de vista psicológico, essa relação ativa sistemas de apego semelhantes aos vínculos humanos. Cuidar de um animal mobiliza responsabilidade, empatia e conexão. Em troca, o pet oferece uma presença reguladora, capaz de reduzir o estresse, amenizar a solidão e devolver sentido ao cotidiano.

Mas é preciso cautela. Quando esse vínculo passa a substituir completamente as relações humanas ou quando o animal é tratado como extensão emocional do tutor, perde-se o equilíbrio. O risco está na chamada humanização excessiva — quando deixamos de enxergar o animal em sua própria natureza.

O desafio, portanto, não é diminuir esse vínculo, mas **qualificá-lo**. Reconhecer sua potência sem distorcê-lo. Amar o pet profundamente, sem esquecer que ele é um animal — com necessidades próprias, linguagem própria e limites que precisam ser respeitados.

Os pets não vieram ocupar o lugar de ninguém. Vieram, talvez, nos lembrar de algo essencial que temos perdido: a capacidade de estar, de cuidar e de nos conectar sem tantas defesas.

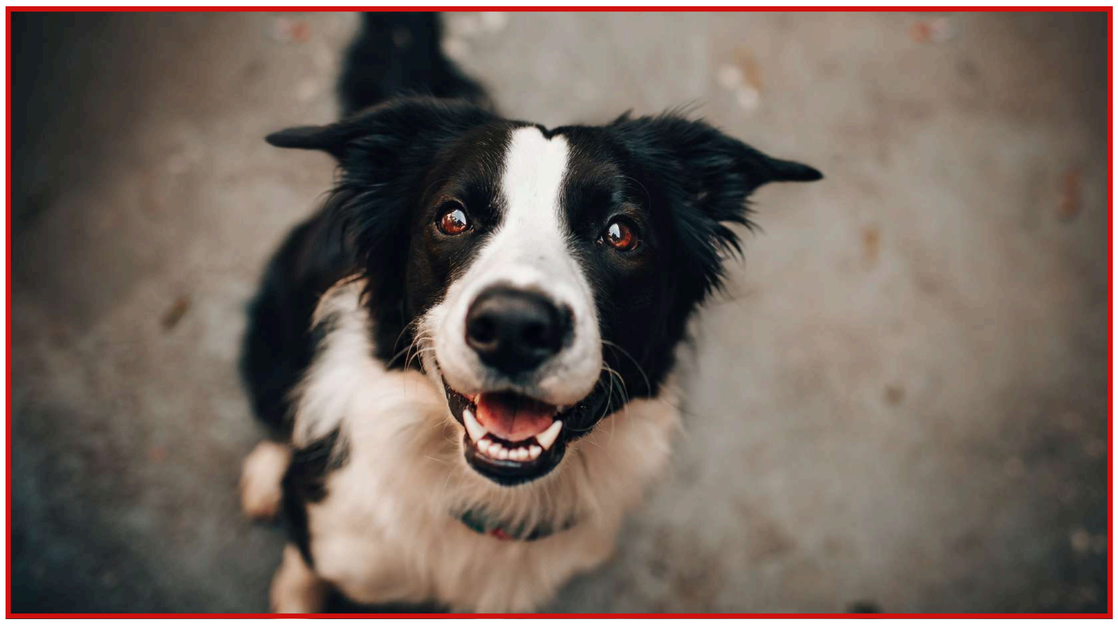
No fim, o que esse vínculo revela não é apenas sobre os animais — mas sobre nós. Sobre o tipo de afeto que buscamos, o tipo de presença que precisamos e o tipo de relação que, no fundo, ainda somos capazes de construir.

COLUNA ENTRE LEIS & PATAS



por **PATRICK ARAUJO** @paf_vetforense

Lei 15.392/2026: um novo capítulo na proteção animal no Brasil?



Ueslei Marcelino/MMA

Nos últimos anos, a pauta animal deixou de ocupar apenas espaços afetivos e passou a ganhar força também no meio jurídico. E talvez um dos maiores exemplos recentes dessa mudança seja a sanção da **Lei nº 15.392/2026**, um dos avanços mais importantes da legislação animal brasileira desde a **Lei Sansão**.

A nova lei surge em um momento em que a sociedade já não aceita mais enxergar os animais apenas como **"coisas"** ou **"objetos de propriedade"**. Cada vez mais, cresce o entendimento de que eles são seres sencientes — capazes de sentir dor, medo, estresse, prazer e sofrimento.

O que muda com a Lei 15.392/2026?

Embora a lei não altere diretamente o artigo 82 do Código Civil — que ainda classifica os animais como bens semoventes para determinadas relações patrimoniais — ela fortalece juridicamente a ideia de que os animais possuem natureza especial e merecem proteção própria dentro do ordenamento jurídico brasileiro.

Mais do que emoção, é ciência

É importante destacar que essa evolução legislativa não nasce apenas da comoção popular ou do amor aos pets. Ela acompanha um consenso científico já consolidado.

Hoje, a ciência não discute mais se animais sentem dor ou emoções. Isso já está estabelecido. O debate atual é outro:

Como o Direito deve responder a essa realidade?

E é justamente nesse ponto que a Lei 15.392/2026 representa um avanço. Ela aproxima o texto jurídico daquilo que a medicina veterinária, a neurociência e a etologia já reconhecem há anos.

O Brasil começa, aos poucos, a reconhecer que animais não são objetos descartáveis. Pode parecer pouco para quem luta diariamente pela causa animal, mas, olhando para trás, é impossível negar: há alguns anos, debates como guarda compartilhada de pets, dano moral pela morte de um animal ou reconhecimento jurídico da senciência sequer eram levados a sério.

Proteger os animais não é exagero emocional. É evolução civilizatória.

Por Redação Pet Mania e Renato de Oliveira Telles

Quando o melhor amigo ataca: especialista explica o que pode levar um cão a atacar o próprio tutor

Caso envolvendo um Pit Bull no Maranhão reacendeu debates sobre comportamento canino, guarda responsável e os sinais que muitos tutores não percebem antes de um ataque

Em abril, a morte de uma mulher após ser supostamente atacada pelo próprio Pit bull dentro de casa, no Maranhão, chocou o país e levantou uma série de debates nas redes sociais. Afinal, um cão pode realmente atacar **"do nada"**? Existe uma raça naturalmente agressiva? Ou o problema está na forma como esses animais são criados e conduzidos?

Enquanto o caso segue cercado de investigações e questionamentos, especialistas alertam que situações como essa dificilmente acontecem sem qualquer sinal prévio. O episódio reacendeu discussões sobre comportamento canino, manejo inadequado e a importância da guarda responsável — especialmente em cães de médio e grande porte.

Para entender melhor o assunto, o **Pet Mania** conversou com o **adestrador Renato de Oliveira Telles**, que atua há mais de 30 anos na área de comportamento e adestramento canino.

Freepik



Ataques "do nada" são muito raros

Segundo Renato, apesar do impacto causado por casos assim, ataques sem qualquer aviso prévio são muito incomuns. **"Embora possa acontecer ataques de cães, do nada são muito raros, geralmente os cães nos dão avisos prévios"**, explica.

O especialista afirma que muitos tutores não conseguem identificar sinais importantes emitidos pelos cães antes de uma reação agressiva.

Entre os principais sinais de alerta estão:

- orelhas em posição rígida;
- cauda endurecida;
- olhar fixo;
- corpo retraído;
- rosnados;
- pelos arrepiados.

"Sim é possível prever o ataque de um cão"

O banho pode virar um gatilho?

No caso do Maranhão, as primeiras informações apontam que o ataque teria ocorrido durante o banho do animal. Segundo Renato, situações assim realmente podem funcionar como gatilho em determinados contextos. **"Sim o banho pode ser um gatilho, pois tem determinados cães que sentem incômodo de serem tocados em algumas partes."**

O adestrador explica que dores silenciosas, muitas vezes desconhecidas pelos tutores, podem desencadear reações defensivas.

"Às vezes por dor causada por uma displasia severa, por exemplo, ao esfregar o cão naquela área pode causar dor e ele reagir com um ataque."

Problemas nas orelhas também podem provocar reações agressivas. **"Se você vai esfregar na região das orelhas e o cão estiver com uma otite pode causar dor e o cão reagir."**

Um cão "manso" pode mudar de repente?

Essa é uma das perguntas mais frequentes sempre que ocorre um ataque grave envolvendo cães. Para Renato, mudanças repentinas de comportamento sem nenhum histórico anterior não costumam ser comuns.

"Geralmente não. O cão não muda de comportamento de uma hora para outra."

Segundo ele, diversos fatores podem contribuir para que um cão ataque até mesmo o próprio tutor. **"Diversos fatores podem desencadear o ataque de um cão ao seu tutor."**

Entre eles estão:

- medo;
- dor;
- insegurança;
- agressões sofridas;
- disputa por liderança;
- manejo inadequado.

Agressividade não é tudo igual

Renato explicou que existem diferentes tipos de agressividade canina — e entender isso é essencial para prevenir acidentes.

Segundo ele, cães inseguros podem reagir por medo para afastar aquilo que consideram uma ameaça. **"Os cães de temperamento inseguro reagem à aproximação de pessoas avançando para afastá-las."**

Já a agressividade causada por dor costuma ser mais imediata. **"O cão quando reage**

com agressividade à dor geralmente é um ataque rápido para afastar o agente causador da dor."

Há ainda os casos ligados à dominância e disputa por liderança. **"Geralmente o tutor tenta impor a sua liderança, o que gera uma disputa pela liderança."**

A raça influencia?

O caso também reacendeu o eterno debate sobre Pit Bulls. Para Renato, é preciso separar mito de realidade.

Segundo ele, a raça costuma apresentar mais agressividade com outros animais, mas isso não significa que todo Pit Bull seja inevitavelmente perigoso. **"Geralmente os Pit Bulls são mais agressivos com outros animais."**

O adestrador destaca que cães da raça precisam de estímulo físico e mental constante. **"São cães que precisam de muita atividade física para não desencadear desvios de comportamento."**

Ao mesmo tempo, Renato reconhece que ataques envolvendo Pit Bulls tendem a ser mais graves devido à estrutura física do animal. **"O ataque de um Pit Bull é muito poderoso pois são cães de uma compleição física privilegiada."**

Segundo ele, a força da mordida e a determinação do animal tornam esse tipo de ocorrência potencialmente mais severa quando comparada a outras raças.

O perigo da humanização

Outro ponto destacado pelo especialista é a chamada **"humanização"** dos cães — prática cada vez mais comum dentro das casas.

Embora muitos tutores associem isso ao carinho, Renato alerta que transformar o cão em um **"ser humano de quatro patas" pode causar problemas comportamentais sérios. "Humanizar o cão é sim um problema sério."**

Segundo ele, quando limites deixam de existir, o animal pode começar a desenvolver comportamentos dominantes.

"Adequar o cão a um comportamento que é contrário à sua natureza pode causar diversos desvios de comportamento."

Entre eles estão a possessividade, a imposição de vontades, dominância sobre objetos e agressividade por frustração.

A prevenção começa antes mesmo do cão chegar em casa

Para o adestrador, um dos maiores erros dos tutores é buscar ajuda apenas depois que os problemas aparecem. **"Antes de adquirir um cão você deve recorrer à ajuda profissional."**

Segundo ele, até mesmo a escolha da raça deve considerar o perfil da família e da rotina da casa.

Renato afirma ainda que mesmo cães da mesma ninhada podem possuir temperamentos completamente diferentes. **"Tem filhotes mais calmos, filhotes médios e filhotes muito agitados."**

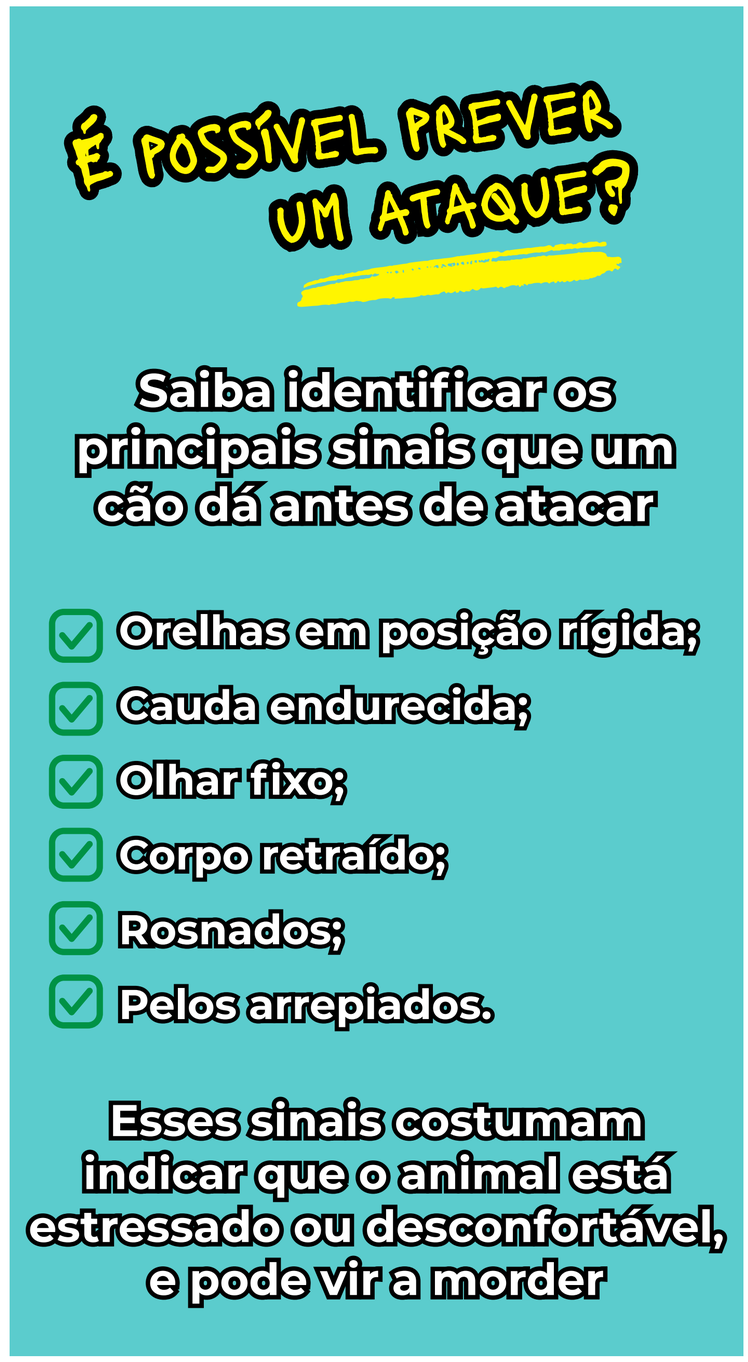
Por isso, acompanhamento profissional desde cedo pode fazer diferença no convívio futuro.

Guarda responsável vai além do amor

Casos como o ocorrido no Maranhão reacendem um debate importante: amar um animal não substitui conhecimento, manejo e responsabilidade.

Ataques graves continuam sendo raros diante da enorme quantidade de cães que convivem diariamente com famílias sem qualquer incidente. Ainda assim, especialistas alertam que ignorar sinais comportamentais, negligenciar treinamento ou acreditar que "o amor resolve tudo" pode abrir espaço para situações perigosas.

Mais do que demonizar ou romantizar raças, o episódio serve como alerta para a importância da informação, do acompanhamento profissional e da construção de uma convivência segura — tanto para os tutores quanto para os próprios animais.



NOSSOS PARCEIROS

SPITZ RJ

PROGRAMA EM FOCO

PROJETO UIVOS E MIADOS

RÁDIO QUASAR WEB

Por Redação Pet Mania e Felipe Ferreira Rodrigues

Rotina, afeto e companhia: American Bully ajuda seu tutor a enfrentar os desafios do TDAH

Tutor conta como a convivência com a cadela Hera ajudou a transformar sua saúde emocional e a quebrar preconceitos sobre a raça

A relação entre humanos e animais vai muito além da companhia. Para muitas pessoas, os pets se tornam apoio emocional, ajudam na construção de rotina e até contribuem para a saúde mental. É exatamente isso que acontece na vida de **Felipe Ferreira Rodrigues**, tutor da cadela **Hera**, uma American Bully que, há quase quatro anos, se tornou peça fundamental no enfrentamento dos desafios causados pelo **Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)**.

O TDAH é um transtorno neurobiológico marcado principalmente por desatenção, impulsividade e hiperatividade. Os sintomas podem acompanhar a pessoa por toda a vida e impactar atividades simples do cotidiano, como manter o foco, organizar tarefas e seguir uma rotina.

No caso de Felipe, a convivência com a cadela Hera ajudou justamente nesses pontos. Segundo ele, os sintomas aparecem principalmente na dificuldade de concentração e aprendizado. **“Falta concentração para o aprendizado e distração”**, revela.

Mas a presença da cadela passou a funcionar como um suporte emocional constante. Felipe conta que Hera percebe facilmente quando ele não está bem e tenta mudar seu foco. **“Quando estou desanimado ela sempre fica junto comigo tentando mudar meu foco pra ela”**, relata.

O papel dos animais na saúde mental

Estudos já demonstraram que animais de estimação podem ajudar na redução da ansiedade, do estresse e da depressão. Em casos de TDAH, a criação de uma rotina de cuidados com o animal também pode trazer benefícios importantes.

Passeios, horários de alimentação, brincadeiras e atenção diária ajudam a criar disciplina e organização — algo que costuma ser um desafio para pessoas com o transtorno.

Com Hera, isso acontece naturalmente. Felipe explica que a cadela até o ajuda a manter horários e perceber situações fora do comum no ambiente. **“Ela me avisa sobre horários de alimentação dela ou até mesmo quando tem fumaça ou coisas fora do padrão do dia a dia”**, conta.

A convivência também trouxe mudanças emocionais significativas. Segundo o tutor, antes da chegada da cadela ele enfrentava períodos mais difíceis ligados à frustração de não entender algumas limitações causadas pelo transtorno.

“Eu sempre fui mais deprimido por não entender o motivo de certas dificuldades e ela chegou e sempre que me vê assim ela vem puxar minha atenção pra ela”, afirma.

Rotina, vínculo e qualidade de vida

Especialistas apontam que animais de apoio emocional podem ajudar pessoas com TDAH justamente por incentivarem a criação de hábitos e responsabilidades diárias.

Além da rotina, existe também o impacto afetivo. Cães oferecem companhia constante, interação social e uma sensação de acolhimento que muitas vezes faz diferença em momentos de crise emocional.

Felipe acredita que o vínculo com Hera funciona, sim, como uma forma de terapia. E as atividades mais simples acabam sendo as mais importantes para o bem-estar dele. **“Passeios e brincadeiras”**, diz ao falar dos momentos que mais o ajudam no dia a dia.

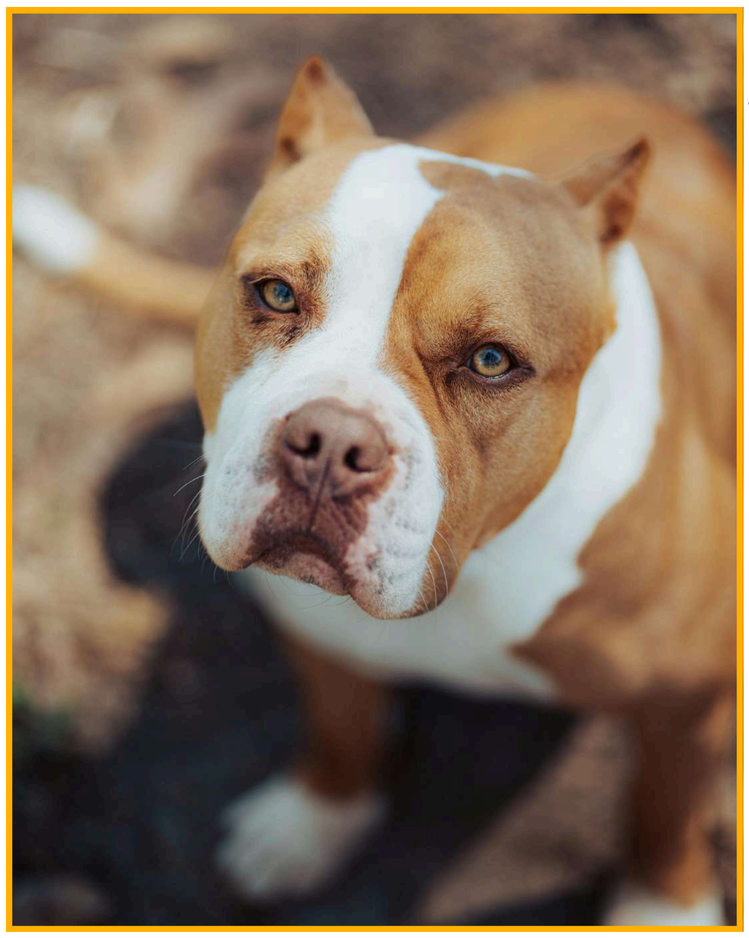
Preconceito contra a raça ainda é um desafio

Além de falar sobre saúde mental, a história de Felipe e Hera também ajuda a superar estigmas envolvendo cães da raça American Bully, frequentemente confundidos com Pit Bulls e vistos de forma negativa por parte da população.

Felipe afirma já ter enfrentado preconceito por causa da aparência da cadela. **“Sim as pessoas pensam que ela é um pitbull, são cã-es com temperamentos diferentes, o pitbull não é um animal agressivo e sim com muita energia que tem que saber administrar.”**

Segundo ele, o maior erro das pessoas é julgar o comportamento pela aparência física. **“A aparência de cão bravo”**, resume.

Na prática, porém, Hera demonstra exatamente o oposto da fama que muitos associam aos cães do grupo bully. Felipe conta que ela é extremamente tranquila e até evita conflitos, mesmo em situações de ataque por outros animais. **“Ela é muito tranquila, nunca teve proble-ma de brigas com outros cães, já aconteceu várias vezes dela ser atacada por outros cães e ela só sair de perto.”**



Reprodução

Para ele, o contato direto com esses cães ajuda a mudar a visão das pessoas sobre a raça. **“Quando as pessoas conhecem acabam amando por acharem ela linda e pelo temperamento dela muito dócil.”**

Mais do que companhia

A convivência com Hera também trouxe aprendizados pessoais importantes para Felipe. Entre eles, paciência, equilíbrio emocional e autocontrole. **“Ela me ensinou que tudo tem seu tempo e que não adianta nos afobarmos. A amizade é tudo!”**, destaca.

Ao falar sobre adoção e convivência com cães, Felipe deixa uma mensagem direta para quem pensa em ter um animal, especialmente raças que costumam sofrer preconceito. **“Pesquisem sobre as raças antes de comprar e sejam bastante amorosos na criação.”**

E para aqueles que ainda duvida do impacto que um cão pode ter na vida de alguém, ele responde de forma simples: **“Acredite pois quando você acredita tudo dá certo.”**

Conteúdo produzido em parceria com a plataforma ADOTE PET JA

Adoção em menos de 24 horas: a história que prova o poder da Adote Pet Já

Caso registrado no Rio mostra como a plataforma Adote Pet Já está acelerando adoções e conectando pets a novos lares em tempo recorde

Em meio ao grande número de animais abandonados à espera de uma oportunidade, uma história recente chamou atenção pela rapidez — e pelo final feliz. Um filhote de cachorro conseguiu um novo lar em menos de 24 horas após ser anunciado na plataforma **Adote Pet Já**, mostrando como a tecnologia pode ser decisiva na causa animal.

O caso, gravado em vídeo e compartilhado nas redes sociais, ilustra de forma clara como ferramentas digitais podem encurtar caminhos entre quem precisa doar e quem deseja adotar.

Adoção relâmpago

A história começou em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, onde uma cadela deu à luz 10 filhotes. Diante da responsabilidade, a tutora decidiu doá-los — mas com um cuidado importante: garantir que cada um encontrasse um lar seguro e acolhedor.

Para isso, ela recorreu à plataforma **Adote Pet Já**, cadastrou os filhotes e disponibilizou as informações. O resultado veio rápido: pouco tempo após a publicação, um dos cães já havia despertado o interesse de um adotante.

O desfecho impressiona: **em menos de um dia, o filhote já estava adotado**. Um intervalo incomum, considerando que muitos animais aguardam semanas, meses ou sequer conseguem uma nova família.

O pequeno foi levado ao novo lar e recebido com carinho pelo tutor, que já havia escolhido até o nome do novo integrante da casa.

Visibilidade ainda é o maior desafio

Um dos principais entraves da causa animal não é apenas o abandono, mas a falta de visibilidade dos animais resgatados. Muitos permanecem restritos a abrigos ou a publicações com alcance limitado nas redes sociais.

Ao entrar em uma plataforma estruturada, com melhor organização e maior alcance, as chances de adoção aumentam significativamente.

Neste caso, bastou que o filhote fosse visto pela pessoa certa.

Plataforma facilita o encontro entre pets e tutores

A proposta do **Adote Pet Já** é direta: conectar, de forma eficiente, animais disponíveis para adoção a pessoas interessadas, utilizando o ambiente digital para ampliar a visibilidade.

Na prática, funciona como uma vitrine organizada:

- ONGs, protetores independentes e abrigos cadastram os animais;
- Cada pet ganha um perfil com fotos e informações detalhadas;
- Interessados podem localizar e entrar em contato rapidamente.

O caso do filhote reforça essa lógica: quanto maior a visibilidade, maiores as chances de adoção.

Divulgação



Acesse o site da Adote Pet Já e encontre seu novo melhor amigo

www.adotepetja.com.br

E faça parte dessa transformação!

Quando atitude e oportunidade se encontram

Esse caso do filhote adotado vai além de uma boa história — ele evidencia como a união entre tecnologia, empatia e ação pode gerar resultados concretos.

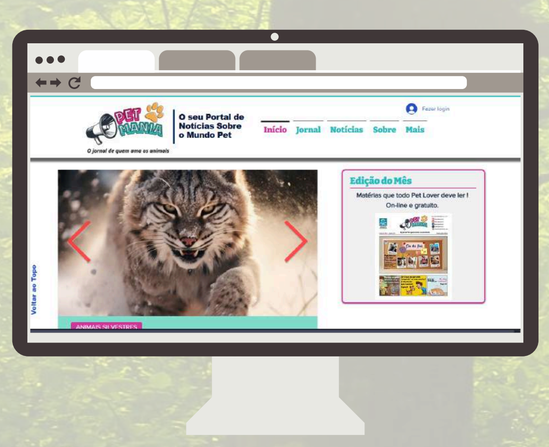
Não se trata apenas de rapidez, trata-se de oferecer a chance que aquele animal tanto precisava.



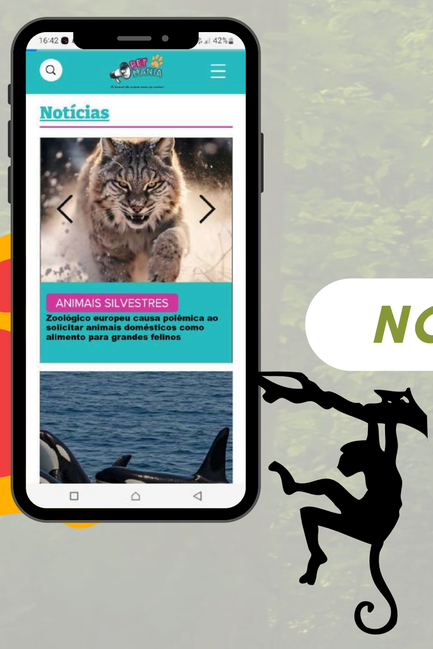
CONHEÇA O PORTAL DE NOTÍCIAS

DISPONÍVEL EM TODOS OS DISPOSITIVOS

www.jornalpetmania.com



NO COMPUTADOR



NO CELULAR

FIQUE POR DENTRO DE TUDO O QUE ROLA NO MUNDO PET E NA NATUREZA!

ANUNCIE CONOSCO

ANUNCIE NO JORNAL MAIS PET DO BRASIL E ALCANCE O PÚBLICO CERTO!

(21) 97572-3391

DIVERSOS TAMANHOS:
- PÁGINA INTEIRA
- MEIA PÁGINA
- ⅓ DE PÁGINA

FORMATOS:
- HORIZONTAL
- VERTICAL

FAZEMOS PUBLIEDITORIAL

ENTRE EM CONTATO E SAIBA MAIS

(21) 97572-3391

RECEITAS PET

Acesse o site e descubra receitas que o seu pet vai amar!



MURAL DA FOFURA



RAPIDINHAS

Tutor passa a ser investigado por abuso contra cadela que precisou de cirurgia em Boa Vista

Polícia resgata dois animais da casa do suspeito após inconsistências em depoimento sobre caso ocorrido em oficina.

Proibição de cães em metrô de Nova Iorque leva tutores a inovarem na solução

Exigência de que o transporte de cães seja feito em bolsas leva moradores a improvisarem soluções inusitadas para levar pets no metrô.

Crise nos abrigos: cães de focinho achatado podem ser sacrificados na Europa

O sistema de proteção animal do Reino Unido e de outros países da Europa enfrenta um impasse: Abrigos têm alertado para a possibilidade de eutanásia em massa de cães braquicefálicos devido aos altos custos das cirurgias necessárias para corrigir problemas respiratórios graves causados pela própria genética dessas raças..

Niterói autoriza sepultamento de pets junto aos tutores em cemitérios

Tutores de Niterói, na Região Metropolitana do Rio, agora poderão sepultar seus cães e gatos em jazigos familiares localizados em cemitérios públicos e privados do município. Apesar da regulamentação municipal, as administrações dos cemitérios terão autonomia para estabelecer regras complementares e organizar os procedimentos internos..

Cães detectam Parkinson com até 98% de precisão anos antes dos primeiros sintomas

Um estudo realizado por pesquisadores das universidades de Bristol e Manchester, no Reino Unido, em parceria com a organização Medical Detection Dogs, demonstrou que cães treinados são capazes de detectar a doença de Parkinson com altíssima precisão — mesmo antes do aparecimento de sintomas clínicos..

Leia mais no site:

www.jornalpetmania.com

Assessoria e Consultoria Veterinária em casos de:

Guarda compartilhada de animais

Animais em condomínios

Maus - tratos

Erro médico veterinário

Alimentos contaminados



“Aproximando tutores e animais dos seus direitos”

Entre em contato
conosco e agende
uma consulta.

(21) 98237-7820

@paf_vetforense

P.A.F VETERINÁRIA
FORENSE